



## A ARTE IMITA A NÃO-VIDA: FERNANDO PESSOA



## THE ART IMITATES NO LIFE: FERNANDO PESSOA

AURORA CARDOSO DE QUADROS

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 22/02/2021 • APROVADO EM 24/03/2021

---

### Abstract

In Fernando Pessoa's work, one can pointer an individual lost in a kind of exile and “searching for himself” within his own soul. His writing collects alter egos that flock around an axial abyss, in the recurrences in which they deny life and affirm death. Its non-literary expression demonstrates the sadness of the losses, in addition to the opposition to Portuguese values, mentality and customs. Alongside Jorge de Sena's (1974) idea when he states that Fernando Pessoa courts death for many years, this study, which is part of an ongoing project, advances in the investigation of external possibilities underlying the representation of death in the poet's work . The route of reading and analysis tries to identify links between the written production and the life of the poet, assuming that the aesthetics of death reflects shadows of a psychic state of sadness and exile. This article becomes an example of the association between life and literature: changes since childhood, losses, his British education, and written production in Portugal. His work, in this study, is reconstructed as a suspension bridge, skittish, forked, which links history and poetry; space and time.

---

### Resumo

Na obra de Fernando Pessoa, percebe-se um indivíduo perdido numa espécie de exílio e em “busca de si” dentro da própria alma. Sua escrita colige *alter egos* que afluem em torno de um abismo axial, nas recorrências em que negam a vida e afirmam a morte. Sua expressão não literária demonstra a tristeza das perdas, além da oposição aos valores, à mentalidade e aos costumes portugueses. A par da ideia de Jorge de Sena (1974) quando afirma que Fernando Pessoa corteja a morte durante muitos anos, este estudo, que faz parte de um projeto em andamento, avança na investigação de possibilidades externas subjacentes à representação da morte na obra do poeta. O percurso de leitura e análise busca identificar elos entre a produção escrita e a vida do poeta, pressupondo que a estética da morte reflete sombras de um estado psíquico de tristeza e desterro. Tornam exemplo da associação entre vida e obra as mudanças desde a infância, as perdas, sua formação

britânica, e a produção escrita em Portugal. Sua obra, neste trabalho, se reconstrói como uma ponte pênsil, arisca, bifurcada, que liga história e poesia; espaço e tempo.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Fernando Pessoa; Death; Poetry; History.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernando Pessoa; Morte; Poesia; História.

---

### Texto integral

---

Sonho sem quase já ser, perco sem nunca ter tido,  
E comecei a morrer muito antes de ter vivido.  
(Fernando Pessoa)

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A VIDA, A OBRA E A MORTE EM PESSOA

A ideia que geralmente se faz do célebre português Fernando Pessoa está invariavelmente ligada à sua escrita. No conjunto de vida e obra, sobretudo para aqueles leitores que ultrapassam o limite dos seus versos mais célebres, as impressões confluem para uma imagem de desvanecimento, análoga à força do abismo axial da morte, em que a expressão poética se aprofunda cada vez mais. Os cadernos e papéis encontrados, repletos de palavras aparentemente irrefreáveis, compõem uma infundável fonte labiríntica e profunda da sua obra literária e um conjunto interessante de seu pensamento crítico. Esses registros revelam o gênio múltiplo e emblemático, que acaba por construir uma arquitetura do degredo e do tormento. Em sua biblioteca, as obras alheias, sublinhadas, destacadas e riscadas com observações, revelam o leitor de Walt Whitman, de Shakespeare, entre outros autores, principalmente no idioma inglês. Manifestam, assim, o domínio da língua e a predominância na sua seleção, confirmando sua vivência britânica, conforme será abordado aqui. Esses são dados empíricos apenas para iniciar uma noção do direcionamento deste estudo, que abordará a cooperação entre a literatura e a vida do poeta, entendendo que há acontecimentos de grande interesse para a ampliação das esferas, não apenas em busca dos sentidos estéticos, como também das possíveis relações desses sentidos com fatores externos. A análise da simbiose social e artística traz um processo criativo em que se encontra não apenas o produto estético, mas também o seu criador, ligando a morte ficcional ao estado psíquico de quem a escreve. Sendo elucubrações existenciais, as questões em torno da representação da morte movem-se em variados espaços e de diversas formas e nuances, mas avançando num crescendo até o autoextermínio, cometido por aquele que é considerado seu último heterônimo. Na obra **A Educação do Estoico** (PESSOA, 2001), o suicídio do Barão de Teive instala-se como misteriosa metáfora especular de fatos observados na trajetória e na própria escrita pessoana. As coincidências que inspiram ligações externas entre vida e arte, criação e criador constituem o ponto de vista adotado neste estudo, que, devido à natureza estética da literatura, caminha ciente do temerário risco dessa vertente.

Jorge de Sena (1974) possibilita uma reação imediata e lógica que liga ao poeta Fernando Pessoa as impressões sobre grande parte da sua obra, sobretudo na construção estética de estados mentais, em que se pressentem eles com o indivíduo. Diz ele que “[a] morte, que ele cortejara tantos anos e que, com discreto alcoolismo britânico, acumulara em si mesmo, chegou talvez um pouco mais depressa do que ele a esperava, a 30 de novembro de 1935”, (SENA, 1974, p. 44). Com essa assertiva, reforça a coerência entre a obra e a abstração psicológica e espiritual angustiada do poeta. Endossa a percepção de que as palavras, que elidem a vida e representam o fim e o vazio, são as mesmas que descortinam e qualificam, para tão profusa criação, a tão curta existência. E cortejar, namorar a morte, mais que uma curiosidade da cosmovisão pessoana, explicada por Massaud Moisés (1994), e também mais que uma face da sua tendência para o ocultismo, explicado por Eduardo Lourenço (1981), seria, conforme este estudo apresenta, um estado de vazio existencial, promotor do desejo de fuga da existência, do local onde se encontra e, muito provavelmente, causador da ânsia de escrever-se. A expressão do desengano literário, evidente em vários pontos, está lançada diretamente, por exemplo, na justificativa do pessimismo. O mundo se ressent e até a primavera é triste porque o Barão de Teive “descobriu com pena que não pode escrever os livros que quer!” (PESSOA, 2001, p. 57). A voz abriga o potencial de fazer perquirir a fado das perdas, o trajeto fracassado, a inadequação e o desvio, instintivamente ligados à sua face física, presente no mundo, indagada na inexata medida da literatura e em incertos pontos de possíveis projeções dos “eus”. A prosa cria efígies literárias complexas e acaba lançando reflexos sobre o seu autor, devido às coincidências referenciais entre vida e arte. O mesmo acontece em versos. Em **Tabacaria**, vislumbra-se o estágio posterior à ilusão terrena e a triste constatação do “eu” em Álvaro de Campos:

Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,  
E a história não marcará, quem sabe? Nem um,  
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras. (PESSOA, 2006, p. 271).

Ainda nesse poema, o desengano leva à conclusão: “Serei sempre só o que tinha qualidades;” (PESSOA, 2006, p. 271). Este exemplo sugere a problemática e um dos motivos de representação da morte em Teive, agonizando o mesmo problema de se sentir e se representar como falho. Nota-se que muito do que escreve espelha o olhar de um espírito que filtra os fatos pela lente desgostosa da própria vida. A análise, nessa meta de entendimento, traz eventos e passagens que convergem até o estado de desterrado, lançando a conjetura de que a própria experiência vivida é importante ingrediente que fermenta e inspira a representação da consternação, da morte e suas variações. Nesse sentido, este estudo tenta pontuar aspectos que ligam o percurso, o pensamento e a obra de Fernando Pessoa, buscando, em sua vertiginosa vivência, a matéria que projeta possíveis reflexos imateriais da morte na produção poética.

## 2. VIDA E DESCAMINHOS DO POETA: FATOS E SENTIDOS PRESUMIDOS

Analisando a obra de Fernando Pessoa e atrelando à sua vivência o vislumbre do esgotamento vital, observa-se que Jorge de Sena, ao tratar do flerte que Pessoa manteve com a morte, aponta para um fenômeno essencial, que vai se impregnando cada vez mais na sua escrita. Esse espírito, que se aprofunda em uma aura sombria e evanescente, aponta para o fenômeno da vacuidade, da fatalidade e da extinção do ser, ligando a poesia a um plano mais abstrato, mnemônico, perscrutado por estudiosos na própria pessoa do poeta. Na junção daquilo que é concreto com aquilo que é abstrato, misto de realidade e ficção, de vida e morte lançam-se hipóteses, sem se assegurar certezas, a não ser a fluidez e a sensação do teor volátil do ser, conforme explica Octavio Paz:

O mundo de pessoa não é nem este mundo nem o outro. A palavra ausência poderia defini-lo, se por ausência se entende um estado fluido no qual a presença se desvanece e a ausência é anúncio de que? – momento em que o presente já não está e apenas desponta aquilo que será. (PAZ, 1988, p. 220).

Assim, o enigma do poeta é dotado da propriedade inerente da esfinge, da sugestão que muitas vezes não se concretiza devido ao hermetismo. Para Eduardo Lourenço, essa é uma propriedade intrínseca da sua escrita: “[n]ão há em toda a poesia de Fernando Pessoa *nada mais afirmativo* que a pulsão ocultista.” (LOURENÇO, 1981, p. 176. Grifo do autor). Afirma também que a “visão ocultista permite a Pessoa integrar positivamente o obstáculo des-realizante por excelência, a Morte, [...] como transparência suprema e supremo repouso.” (LOURENÇO, 1981, p. 177). A morte seria, então, naturalmente integrada ao real e ao mesmo tempo elemento para o qual é atribuído valor lenitivo. É a partir dessa ligação recorrente que surgem as intuições condutoras de laços implícitos ou expressos entre o autor, personagens e eus, entre sua vida e sua obra. Tendo originado do poeta genial que foi Fernando Pessoa, as justaposições e as implicações não estão livres das tramas prováveis, uma vez que as ideias jogam com as afirmações que ao mesmo tempo se negam, sem que, para isso se encontre motivo.

João Gaspar Simões (1980) chega a justificar com a vida repleta de desenganos a desilusão na obra do poeta, incluindo a perda precoce do pai. Logo mais tarde, teria perdido o *status* de “o menino de sua mãe”, pois esta se casa novamente e o leva para Durban, onde constitui nova família, com tristes decorrências psíquicas. No período de quase dez anos no domínio inglês da colônia do Natal, atual África do Sul, teria sofrido terrivelmente, sobretudo quanto aos laços maternos, além da solidão de não ter tido vínculos relevantes de amizade.

Antônio Quadros (s/d) apresenta o panorama contextual e o resultado psicológico desse período do seguinte modo:

Se quiséssemos caracterizar os pólos da vida interior nesses anos sul-africanos de Fernando Pessoa, apontaríamos antes de mais nada: o amor obsessivo e ciumento pela mãe, amor frustrado e

“traído” pela partilha com o padrasto e com os irmãos; a fuga através de um interesse gradualmente crescente pela literatura e pela imersão em leituras que o afastavam de uma insatisfatória realidade familiar [...] a saudade da terra natal, por ventura confundida, ao nível do inconsciente, com a figura do pai (QUADROS, s/d, p. 24-5).

Este teórico aproxima-se em posicionamento a Simões, no ponto sobre o ressentimento pela perda da condição de único filho e conseqüentemente das atenções. Propicia tomar como plausível a ideia de ser o conjunto desses fatos um possível fator determinante do magoado que se torna Fernando Pessoa e do seu modo de ser e agir:

Não era porém já o filho único, não era já o menino de sua mãe, visto que esta teve sucessivamente cinco filhos do segundo marido, portanto seus meio-irmãos. Naturalmente, este impedimento da concentração exclusiva que até então lhe fora dedicada pela mãe repercutiu-lhe profundamente na alma, tornando-se uma criança e depois um jovem ensimesmado, solitário, introspectivo, melancólico, que procurou sucessivos escapes para esta situação, ressentida como de abandono e de dupla orfandade. (QUADROS, s/d, p. 24).

Nesse período o jovem seguiria se dedicando a suas leituras inglesas, “amadurecendo o gosto e formando a sua opinião literária” (SIMÕES, 1980, p. 86). E, ainda em Durban, muito importante é acrescentar-se a suas adversidades a tentativa sem êxito de disputar uma bolsa de estudos universitários na Inglaterra. Esse episódio é lembrado também por Alexandrino E. Severino (1969), que dá conta de que, diante da vã tentativa de continuar sua formação inglesa, já concluída a etapa colegial em Durban, Fernando Pessoa tem que mudar de planos e, “ao invés de prosseguir seus estudos na Inglaterra, regressa a Portugal.” (SEVERINO, 1969, p. 60). Esses ocorridos tornam-se relevantes para fortalecer a ideia de amargura acumulada e aprofundada com o passar do tempo, após seu regresso a Lisboa. Enfim, após quase dez anos de educação inglesa, volta a Lisboa. Mas “[o] Curso superior de Letras, em que então se matricula, na cadeira de Filosofia, não é ocupação que o absorva” (SIMÕES, 1980, p. 100), e ele desiste sem avançar muito. Para sobreviver, entre outras tentativas de negócios, torna-se correspondente comercial. O inglês é, para Jorge de Sena, sua primeira língua, sendo este o idioma da sua obra inicial, a exemplo dos **35 Sonnets** (1988) e outros poemas variados (PESSOA, 1995). Em condição de abúlico confesso e passando a assimilar o idioma português como “naturalizado” por força do uso cotidiano, a vida em Lisboa é cada vez mais fechada ao exterior daquela sociedade. Então, escreve compulsivamente “para não explodir, para não tornar-se louco.” (PAZ, 1988, p. 203), o que procederia, segundo o teórico, no casulo da escrita, isolando-se.

Ao que parece, a ambigüidade de não se reconhecer como português não é superada, fato pouco ventilado pelos teóricos, mas provável pela sua crítica tenaz.

Vários dos seus registros apontam para o descontentamento com o país e a diferenciação que faz entre si e o português em geral. Deixa claro esse fato ao expor definições e atributos como: “fui sempre fiel, por índole, e reforçado ainda por educação – *a minha educação é toda inglesa* -, aos princípios do liberalismo que são o respeito pela dignidade do Homem e pela liberdade do espírito” (PESSOA, 1979, p. 178. Grifo nosso). É inequívoca a intenção de elevar a consanguinidade que possui com o liberalismo, conferindo a si mesmo o respeito pelo ser humano. Ao mesmo tempo, abate Portugal da possibilidade de ser possuidor desse atributo. Quando diz isso, está se referindo ao seu posicionamento literário e político, em resposta a um questionamento acerca da obra **Mensagem** (2003), anteriormente denominada **Portugal**. A expressão poética acaba por exprimir um ser que nega o país e seus feitos, não sendo, portanto, representante de um ufanismo, mas sim da revelação de um avesso, a retomada de perdas, a exemplo dos versos “Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal!” (PESSOA, 2003, p. 48). Ao desvelar de Portugal o manto daquela potência náutica e tecnológica, que teve ao alcance os aparatos para as conquistas, com “O globo mundo em sua mão” (PESSOA, 2003, p. 35), aponta para o nebuloso resultado: “Ó Portugal, hoje és nevoeiro...” (PESSOA, 2003, p. 64).

Tem plena segurança da sua superioridade, ao deixar impresso que o português, se cotejado com ele, não alcança seu nível cultural e intelectual, cuja superioridade se forma pela própria natureza individual, mas também é beneficiada pela concepção e formação inglesas adquirida. Essa lealdade testemunha a origem da imagem que Octavio Paz vê nele, quando o define como “anglômano” (PAZ, 2008, p. 203). O julgamento do país indica em vários pontos algumas das raízes da sensação de não pertencer àquele local, representando poeticamente o aborto de um “eu” que faltou cumprir-se. Deixa tácita, de certa maneira, uma probabilidade de ilação segundo a qual em solo infértil não se produzem bons frutos, uma vez que “[...] falta cumprir-se Portugal!” (PESSOA, 2003, p. 39). Suas maiores influências literárias também são de língua inglesa, como o referido poeta Walt Whitman, fato que reafirma as referências inglesas, sendo que a *Ode marítima*, segundo Harold Bloom (1994), é o mais whitmaniano dos poemas de Pessoa. Os versos envolvem a morte luxuriosamente numa dinâmica integradora de sadomasoquismo:

Levar pra Morte, com dor, voluptuosamente,  
Um corpo cheio de sanguessugas, a sugar, a sugar,  
De estranhas verdes absurdas sanguessugas marítimas! (PESSOA, 2006, p.94).

A respeito da castração de potencialidades, sob o manto de Álvaro de Campos, diz o “eu”: “Fecharam-me todas as portas abstratas e/ necessárias” (PESSOA, 2006, p. 251). Nesse mesmo poema, os versos tonalizam variantes do “se” que vislumbra e constrói o desapontamento, o destino degenerescente e diluído. A morte contorna-se pelo não existir, o não viver do sujeito e do objeto poético. Seria como se ele destrocasse o objeto para que, depois de morto, passasse então a ser entendido. Massaud Moisés explica:

Assim procede Fernando Pessoa, mas tal processo equivale a um jogo permanente entre ser e não-ser, que está na base da sua poesia: em razão do poder dissolvente da inteligência, nada se lhe resiste à sondagem, de forma que toda afirmação ou ideia feita é simplesmente destruída. Como se, para conhecer a intimidade do objeto, fosse necessário estilhaçá-lo (MOISÉS, 1994, p.245).

Ligando o sujeito inglês assimilado ao português nato, são vários fios que tecem redes sufocantes e unidas pelos pontos de vertigem, numa espécie de acirramento que de fato prenuncia o fim. O desterro em sua vida está sugestionado no confuso estado de uma alma que não se reconhece e se perde. E na busca de compreendê-lo “não será inútil recordar os fatos mais salientes da sua vida, com a condição de saber-se que se trata de rastros de uma sombra.” (PAZ, 1988, p. 202). Incluem-se, dessa maneira, as avarias, os impedimentos da esperança, os imprevistos de trajeto, o insucesso dos anseios, o estranhamento do contexto intelectual e espacial. Parece haver saudade no lamento do adulto: “Carinhos? Afetos? São memórias.../ É preciso ser-se criança para os ter...” (PESSOA, 2006, p. 368).

A não realização cultural inglesa, observando sua condição e expressão, define-se em contrariedade, mas ele se reafirma e se identifica em torno dessa formação inglesa, o que delinea a ausência de si. A decorrência em relação à questão da identidade inglesa à nacionalidade portuguesa factual é trágica. Gaspar Simões entrevê nesse enigma um complexo processo de ambiguidade essencial:

A verdade é que a sua formação mental enferma de um vício de que nunca mais se curará. Mentalmente o poeta da **Mensagem** ficou para sempre apátrida. E nada há mais evidenciador dessa formação artificial ou *criação em estufa* a que atrás aludi do que a incapacidade em que Fernando Pessoa se mantém para todo o sempre de aderir à realidade (SIMÕES, 1980, p. 86).

A “criação em estufa” refere-se à experiência em Durban com os hábitos familiares portugueses antagonizando a cultura inglesa da colônia britânica do Natal. Seria, deste modo, um resultado natural do problema enfrentado em grande dose e que impôs transformações radicais. Álvaro de Campos (significativamente, um heterônimo de formação inglesa) parece portar a voz desse sentimento - imerso na angústia da inevitável maldição de viver e alheio ao seu meio:

Outra vez te revejo,  
Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.  
Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo —,  
Transeunte inútil de ti e de mim,  
Estrangeiro aqui como em toda a parte,  
No castelo maldito de ter que viver... (PESSOA, 2006, p. 252).

Encontrando paralelo na sua crítica social, pode-se citar Fernando Pessoa tratando do provincianismo de Portugal, por exemplo, em **O caso mental português** (PESSOA, 1979), em que as diatribes apontam a mentalidade considerada diminuta do português. Além do aspecto social, as questões familiares também perturbam o jovem. Em Lisboa, convive, inicialmente, com uma avó demente e uma tia conservadora. Talvez os versos sejam sugestivos do que ele passa no período:

Já disse que não quero nada.  
 Não me venham com conclusões!  
 A única conclusão é morrer.  
 [...]
   
 Vão para o diabo sem mim,  
 Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!  
 Para que havemos de ir juntos?  
 Não me peguem no braço!  
 Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.  
 Já disse que sou sozinho! (PESSOA, 2006, p. 225-6).

Incluem-se nas tristezas “mortais” em Lisboa o falecimento da mãe já viúva, que posteriormente também voltara de Durban. A inadaptação faz o desterro do “eu”, e o sentimento na cidade inócua, poeticamente representada, é de vazio existencial, mágoa e alheamento. Campo diz:

Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
 Pequena verdade onde o céu se reflecte!  
 Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
 Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta. (PESSOA, 2006, p. 226).

Sucedem ainda a perda do amigo Mário de Sá-Carneiro. Seu suicídio deve ter tido tanta repercussão no âmago de Fernando Pessoa, que é considerado “simbolicamente, *a sua própria* morte, num processo oposto ao que, para a sua personalidade, havia sido o nascimento dos heterônimos em 1914.” (SENA, 1974, p. 44). A partir dessa tristeza diante da perda do amigo, o poeta escreve no poema intitulado *Sá Carneiro*:

Nunca supus que isto que chamam morte  
 Tivesse qualquer espécie de sentido...  
 [...]
   
 Como éramos só um, falando! Nós  
 Éramos como um diálogo numa alma. (PESSOA, 2017, p. 126-7)

Na epígrafe diz: “Nesse número de Orfeu que há de ser feito com rosas e estrelas em um mundo novo.” (PESSOA, 2017, p. 126), revelando a ternura e a



importância da alma com a qual se identifica tanto que chega ao ponto de ambos se fundirem em um só “falando!”. A morte de Sá Carneiro representaria a perda duplamente intelectual e humana, afeto recíproco e comprovado em correspondências que trocaram, estando registradas por Simões. E ambos parecem irmanar-se nas construções abstratas da morte e da simbiose de seres, com a morte metafórica e dúbia.

Nessa dubiedade que liga ambos à morte, um caso bastante enigmático é o assassinato da personagem Marta, na obra **A confissão de Lúcio** (SÁ CARNEIRO, 2009), que consiste no relato da amizade de dois amigos, Lúcio e o poeta Ricardo, e no triângulo amoroso formado por Lúcio, Ricardo e a esposa deste. A morte, promotora da fusão de “eus” na poesia, encontra equivalente neste romance, com clímax numa cena fatídica em que Ricardo atira em Marta, mas quem tomba morto é ele mesmo, o personagem Ricardo. É de se observar essa fusão em um só, no poema que dedica ao amigo morto, anteriormente citado, e nesse romance que o amigo escreve antes de morrer. Ou seja, ambos os escritores oferecem, ironicamente, muita matéria para o debate. E, tendo em mente o que Pessoa diz sobre a mentalidade do português, o que escrevem constitui grande potencial para o “falatório”, inevitável em cultura provinciana que esquadrinha a vida alheia, independente do que se faça, do que se diga. Talvez seja o que Fernando Pessoa represente em:

Dizem?  
Esquecem.  
Não dizem?  
Disseram.

Fazem?  
Fatal.  
Não fazem?  
Igual. (PESSOA, 1995, p. 211).

Implícito ao repúdio do mexerico talvez esteja a proposital criação de “escândalos” na sua obra, como o homossexualismo de Campos e outros considerados transgressores morais. Mas, se aprofundada a leitura na tentativa de entendimento do posicionamento desse autor, sem dúvida, esses poemas tornam-se integradores e exemplares do seu respeito pelas liberdades individuais. Demonstra-se com isso sua distinção que o faz, de certo modo, um degredado social, um estrangeiro em Lisboa, um cidadão sem cidade, um vivo sem vida. Daí a percepção de sua imagem e do seu modo de estar no mundo. Octávio Paz (1988) conta que Pierre Roucard dizia não ter coragem de se voltar para Fernando Pessoa após se despedir dele, devido ao receio de que ele tivesse se dissolvido no ar. Revela, com isso, a pessoa sombria do poeta, chamado pelo codinome de “fantasma” pelo teórico.

Assinados por “ele mesmo”, os versos a seguir apresenta uma *persona* que deseja por meio da morte alcançar o esquecimento do tormento, a paz espiritual:

Ali, quieto, absorto  
Em nada já saber  
Quero, quando for morto,  
Consciente esquecer (PESSOA, 1981, p.184)

O eu, no caso, pensa com o fim da vida apagar a memória do sofrimento, mantida, contudo a consciência. Em outras ocorrências, embora em representação mais concreta, o trato da morte não é convencional, como acontece com a relação que o rei Adriano tem com o cadáver do amante no poema *Antinoo*. Os primeiros versos introduzem o corpo morto e a tristeza de Adriano: “The rain outside was cold in Hadrian’s soul. / The boy lay dead” (PESSOA, 1995, p. 290). Outras vezes, o eu se serve da ideia da finitude para conseguir se isolar. Nos seguintes versos de *Lisbon revisited* (1923), Álvaro de Campos trata da irritante interferência dos outros em sua vida. E negando-a, garante que sua presença no mundo não se demora e, enquanto isso, pede que o larguem:

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!  
(PESSOA, 2006, p. 226).

Já em outros versos de *Lisbon revisited* (1926), exprime a dor de viver sem vontade. São igualmente ou mais significativos os sentidos e sentimentos do desterro despertados neste poema. A vida adormecida avizinha-se em equivalência à morte:

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.  
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.  
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.  
Até a vida só desejada me farta — até essa vida... (PESSOA, 2006, p. 251)

Neste poema perscrutam-se os referentes que consistem em pistas da relação entre arte e vida. Observem-se os dados conhecidos sobre o percurso de Pessoa, ligue-os ao título em inglês e à educação inglesa que esse heterônimo recebeu e torna-se difícil não supor ligações externas. Ao que tudo indica, o eu usa uma matéria que não se isola como mera fantasia, uma vez que seria fácil florescê-la em certos espaços recônditos da mente, no ponto em que a arte cruza com a vida. Talvez alguns desejos de vida, de formação de caminho, nas sombras de um *alter ego* em extremo estado de tédio, manifestando o eu perdido em si e na cidade dos seus primeiros anos, que ele “revisita” e para a qual lança um olhar de estranhamento. Mais que isso, esfacela-a e esfacela-se a si mesmo em restos escatológicos, esgotando os últimos vestígios da “ilusão final”. A ilusão final revela o fim da linha, a obliteração do horizonte:

(E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas),  
Nas estradas e atalhos das florestas longínquas  
Onde supus o meu ser,

Fogem desmantelados, últimos restos  
 Da ilusão final,  
 Os meus exércitos sonhados, derrotados sem ter sido,  
 As minhas coortes por existir, esfaceladas em Deus.  
 Outra vez te revejo,  
 Cidade da minha infância pavorosamente perdida... (PESSOA, 2006,  
 p. 252)

A extinção que Campos vê em Lisboa metaforiza a morte da ilusão pelos derradeiros e fugidios restos, dos vestígios despedaçados do que era, do que existia ou do que ele, “ingenuamente português”, via. Nesse ângulo os destroços podem bem representar a ideia da cidade que se desmorona sentimentalmente, da inocência que se perde, dos sonhos que se frustram, do inglês - fracassado antes de sê-lo. A atmosfera fantasmática, o alheamento ambíguo, a existência sem vida e sem remédio aliam-se àquela sombra em seu tom não propriamente gótico, mas compondo o quadro como em um avançar do pincel na pintura em aquarela, mas cujas silhuetas vão se dissolvendo e ultrapassam a borda. Saindo desse limite, transbordam para fora da folha de papel, construindo novas sombras e diluindo suas imagens. Esses sentidos ligam-se à caracterização de Octávio Paz, para quem o espectral poeta seria um “inventor de outros poetas e destruidor de si mesmo” (PAZ, 2008, p. 203). Esse extermínio, de modo geral, é acumulado na poesia, melhor dizendo, nos versos, e essa construção da morte passa por várias fases que determinam a presença e a dosagem do degrado.

Na prosa, por sua vez, a questão da morte pode ser relevante em exemplos como **O livro do desassossego** (2015) - que também equaciona fases variadas, mas que cultua a solidão, a “busca do eu” e o vácuo da existência -, e na **A educação do estoico** (2001), que é a expressão de um suicida. As duas obras fazem da lucidez o dilema existencial, sendo que, na última, o Barão de Teive dá fim a própria vida, acabando com a dor de existir. E em geral, na visão ocultista do poeta, constata-se que:

é a inesgotável irrealidade do real que a morte nega, introduzindo-nos em formas cada vez mais profundas de *existência* até àquele ponto em que a nossa ficção e a nossa realidade se anulam e nós descobrimos ou tocamos enfim a evidência da nossa condição *divina*.” (LOURENÇO, 1981, p. 177. Grifos do autor).

Pode ser também que seja um tipo de olhar espírita ao avesso da reencarnação, como a expressão de Bernardo Soares, que liga o cidadão lisboeta à cidade e ao seu vazio. Torna-se a morte uma das expressões do malogro poético e inadaptação no seu meio:

Cheguei hoje, de repente, a uma sensação absurda e justa. Reparei, num relâmpago íntimo, que não sou ninguém. Ninguém, absolutamente ninguém. Quando brilhou o relâmpago, aquilo onde supus uma cidade era um plaino deserto; e a luz sinistra que me mostrou a mim não revelou céu acima dele. Roubaram-me o poder

ser antes que o mundo fosse. Se tive que reencarnar, reencarnei sem mim, sem ter eu reencarnado. (PESSOA, 2015, p.261).

A vida do ajudante de guarda-livros, neste caso, é representada pela negação, como alguma coisa afim a um tipo de realidade em que ele imerge descarnado do elemento humano ou, ainda, numa condição amorfa, antes de vir à luz do mundo de malogro e frustração, havendo certo abortamento, como impedimento ao fluxo natural de uma vida potencialmente capaz “de ser”. Lembra com isso também, conforme afirma Jacinto do Prado Coelho, que “[o] sentimento heraclítico da transitoriedade das coisas conduz à negação do eu” (COELHO, 1998, p. 101). As reminiscências que povoam a mente nublam o presente e envolvem pessoas, família, as cidades, bibliotecas, sombras e fantasmas. O fluxo de consciência acima representado por Soares pode aludir à eminência da continuidade da trajetória inglesa, buscando-a sem pretensão de alcançar as arestas históricas das origens do precipício psíquico por que sua poética se atrai e se embrenha cada vez mais. Bernardo Soares diz “— e eu escrevo sem errar uma verba ou uma soma através de todo o meu passado morto. Reabsorvo-me, perco-me em mim, esqueço-me a noites longínquas, impolutas de dever e de mundo, virgens de mistério e de futuro.” (PESSOA, 2015, p. 71). Anulando o futuro e matando o passado, Soares entende que “[p]assar dos fantasmas da fé para os espectros da razão é somente ser mudado de cela.” (PESSOA, 2015, p. 71).

Mas é talvez no suicida Álvaro Coelho de Athayde, o Barão de Teive, que se encontre a mais esfíngica configuração da morte. Teive fracassa na tentativa de concretizar sua obra e realizar-se afetivamente. Os motivos do suicídio se completam porque, se a ele faltam as conquistas literárias e as sexuais, conforme afirma Richard Zenith no posfácio, sobram “a nobreza ostensiva, de raça, que Pessoa tanto desejou para si” (ZENITH, 2001, p. 107) e o orgulho pela lucidez que possui. Ou seja, ao espelhar-se no heterônimo, segundo o posfácio, Pessoa estaria projetando a si mesmo. Assim, “depositou nele sua orgulhosa razão, e matou-o com um sorriso que nada tinha de inocente” (ZENITH, 2001, p. 109). Essa questão da desilusão pelo insucesso nas tentativas faz com que o Barão de Teive tenha cumprido “o mais fiel possível o seu papel de não-cumpridor e de não-realizador” (ZENITH, 2001, p.87). No poema *Apontamento*, a alma partida de Álvaro de Campos diz: “A minha obra? A minha alma principal? A minha vida? / Um caco.” (PESSOA, 2006, p. 304). Zenith explica a condição do “heterônimo terminal”, e suas obras inacabadas, fazendo a correspondência com o autor. Porém, talvez essa leitura seja o esperado por Pessoa no seu jogo estético e no poder de mover as peças e induzir as jogadas inseguras dos participantes, mesmo porque ele diz em “Nota explicativa” à obra: “Transferi para Teive a especulação sobre a certeza que os loucos têm mais do que nós.” (PESSOA, 2001, p. 61), talvez numa lição irônica cuja intenção seja a de ultrapassar ou escarnecer o provincianismo.

Essas duas obras em prosa, inquestionáveis quanto à validade estética e respectivamente assinadas pelos heterônimos Bernardo Soares e Álvaro Coelho de Athayde, são fragmentárias, o que sugere, reforçando tantas sensações advindas de fatos concretos e abstratos, uma natural tendência de confirmação da cisão de espírito do seu autor, conforme diz Zenith no referido estudo. Além do espírito fortemente decadentista, há fatos coincidentes em ambas. Difícil é resistir à tentação

de associar o autor ao personagem Bernardo Soares, em trechos que evidenciam coincidências como, por exemplo, quando Soares diz: “Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não.” (PESSOA, 2015, p. 288).

Do mesmo modo, os relatos de Teive sobre relacionar-se amorosamente, sobre o sentimento de não concretização da própria obra, sobre o perfeccionismo e sobre a não aceitação de falhas são peças do jogo literário entre o sim e o não, criando o seu duplo peculiar. Ainda que em alguns pontos Teive seja uma forma de expressão do humor do poeta no ato de trazer uma face avessa do fato ou do escancarar as ideias em seu entorno para se exorcizar, há dados coincidentes e interessantes de investigação dos seus enigmas. Além do perfeccionismo literário, manifesta exemplarmente em Teive o perfeccionismo do caráter, que é apresentado numa paradoxal ocorrência. É que ele, ao apurar que o intelectual absoluto precisa ser um pouco imoral, não podendo haver na mesma medida e no mesmo homem a íntegra capacidade intelectual e moral, amarga o problema de possuir, ele mesmo, a trágica dualidade, desabafando: “por meu mal, ela dá-se em mim. Assim, por ter duas virtudes, nunca pude fazer nada de mim. Não foi o excesso de uma qualidade, mas o excesso de duas que me matou para a vida.” (PESSOA, 2001, p. 20). Em outro momento diz que a mera racionalidade nega a vida: “Desde que existe inteligência, toda vida é impossível.” (PESSOA, 2001, p. 28).

Considerava-se, por conseguinte, politicamente, esteticamente e intelectualmente distinto do português. Chega a dizer, conforme mencionado a respeito do Barão de Teive que, de certa forma, a inteligência é adversa à vida. E assim, retoma a possibilidade de associações:

Atingi à saciedade do nada, à plenitude de coisa nenhuma. O que me levará ao suicídio é um impulso como o que leva a deitar cedo. Tenho um sono íntimo de todas as intenções.  
Nada pode já transformar a minha vida. Se... se... Sim, mas se é sempre uma coisa que não aconteceu; e, se não aconteceu, para quê supor o que seria se ela fosse? (PESSOA, 2001, p. 20)

O suicídio do Barão de Teive, segundo Massaud Moisés, em **O espelho e a esfinge** (1998), tem funcionamento libertador para o poeta:

Por meio do Barão de Teive, Pessoa exorciza-se. A loucura e o suicídio, eixos polares de um e de outro, fizeram que o autor de Mensagem se libertasse do “medo”, do perigo, das obsessões que o estigmatizavam desde sempre? Pessoa estava cômico da ameaça, quem sabe fundado nos sinais que notara nas figuras femininas da sua família, designadamente da avó Dionísia. (MOISÉS, 1998, p. 245)

Por conseguinte, a observação das variações da morte, enquanto correlata de extinção, exaustão, fim, na obra de Fernando Pessoa, muitas vezes possui em segundo plano a possibilidade de associação com alguns motes quanto aos referentes, como afirmam corajosamente alguns estudiosos, como Zenith, segundo o qual o Barão de Teive “[m]ais ainda do que seus “colegas” heterônimos, revela o indivíduo que Pessoa “realmente” era.” (ZENITH, 2001, orelhas da obra. Aspas do posfaciador). O barão seria um extremo que centralizaria as graduações em torno das quais giram os sentidos da extenuação, seja vislumbrada como fim da vida, seja associada metaforicamente ao dilema interior, deflagrando sensações a respeito do estado de espírito do próprio poeta, em que, com o passar do tempo, predomina cada vez mais a conotação conflituosa, quer seja em torno da morte propriamente dita, quer seja do estado em que a ela é levado o eu.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita da morte em Pessoa revela a capacidade que a literatura tem de exprimir a existência, sem obrigatoriedade de corresponder a ela. No caso do poeta português, a vida terrena, em sua ótica, propicia como única certeza a incerteza de tudo. A morte é a metáfora vislumbrada pelo eu perdido neste mundo. Sua representação traduz aspectos abstratos, mas que podem refletir projeções de aspectos da sua vida. Em muitos pontos, o leitor sente a quase verificação do ser humano na sua poética, quando emerge o indivíduo de carne e osso. Pressentindo a representação daqueles momentos em que tudo é nada, visão tão expressa por ele, paradoxalmente, surge o duplo que, muitas vezes, torna-se infinitamente múltiplo. Por isso, as configurações da morte também se multiplicam. À morte é dado o relevo em forma de ponderar o viver, de suportar o final do trajeto, de escrever o vazio. O modo de entender o sujeito cindido entre a vida e a morte inclui sua identidade, dividido como se vê entre a memória da educação inglesa, que decide sua, e a realidade portuguesa que o exaure paulatinamente. Assim, percebe-se que a tristeza da perda e o vislumbre da morte não se centram apenas no campo filial da dupla orfandade, mas, primeiramente na perda do “eu”, que se busca no vazio, na avaria da linha vital, nos percalços da genialidade, na perda do que não alcançou, pois era o que havia atrás das portas fechadas, além da curva da estrada, no inatingível horizonte que se abriu já fechado, na perda da libertação racional, na perda da luz em terreno alheio ao que se sente. A ligação umbilical não se resolveria apenas numa entrega mortal, mas se debate infinitamente em possibilidades. Em todo caso, se oferece ao seu fim: “Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços/ E chama-me teu filho” (PESSOA, 1985, p. 44).

Encerra-se este estudo ponderando o que dizem os versos “Jaz morto, e apodrece, /O menino da sua mãe.” (PESSOA, 2014, p. 23). Esses, de fato, não se delineiam de modo a simplesmente tomar por morte o fim do amor materno. Representam o que ele foi pavorosamente perdendo desde a primeira perda abrupta na infância. Ao escrever a morte, Pessoa também estava construindo o avesso da morte. Realmente, o menino da sua mãe, como na infância foi apelidado por ela, jaz, mas não apodrece. Sua palavra reconstrói a dor que deveras sentiu e que subjaz na dor fingida que ficou. Esta dor verdadeira é aqui buscada para se entender a outra,

representada aos limites da morte. O que se constata é que Fernando Pessoa está cada vez mais vivo. E a cada vez que se buscam novos ângulos para entendê-lo, mais se o vivifica. Sua palavra, em seus sentidos inatingíveis integralmente, é perpetuada pela eterna busca de usufruir-se ao máximo do seu potencial, que já se inicia infinito. E, ao contrário do Barão de Teive que nasceu para morrer, Fernando Pessoa, ao partir, deixou as peças a serem montadas para que pudesse, então, recomeçar a viver.

---

### Referências

---

- BLOOM, Harold. Borges, Neruda e Pessoa. O Whitman Hispano-português. In: BLOOM, Harold. **Ocânone ocidental**. Lisboa: Temas e debates, 1994, p. 453-480.
- COELHO, Jacinto do Prado. **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1998.
- LOURENÇO, Eduardo. **Fernando Pessoa revisitado**. Lisboa: Moraes Editores, 1981.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: O Espelho e a Esfinge*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- PAZ, Octavio. **Fernando Pessoa: o desconhecido de si mesmo**. (trad. Luís Alves da Costa) Lisboa: Veja, 1988.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- PESSOA, Fernando. **Poesias ocultistas**. São Paulo: Aquariana, 1996.
- PESSOA, Fernando. **35 Sonnets**. São Paulo: Arte Pau-Brasil, 1988.
- PESSOA, Fernando. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2014.
- PESSOA, Fernando. O caso mental português. In: **O rosto e as máscaras**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1979.
- PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L & PM, 2017.
- PESSOA, Fernando. **A Educação do Estóico**. Lisboa: Assirio & Alvim, 2001. 69
- PESSOA, Fernando. **Odes de Ricardo Reis**. Mem Martins: Europam, Lda, s/d.
- PESSOA, Fernando. **Poesia de Álvaro de Campos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PESSOA, Fernando. **Poesia inglesa**. Lisboa: Horizonte, 1995.

PESSOA, Fernando. **Poesias coligidas**: Quadras ao gosto popular. Novas poesias inéditas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: Poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

QUADROS, Antônio. Introdução à vida e à obra poética de Fernando Pessoa. 2. As raízes, a infância a primeira adolescência. In: **Odes de Ricardo Reis**. Mem Martins: Europam, Lda, s/d.

SENA, Jorge de. O Heterônimo Fernando Pessoa e os poemas ingleses que publicou. In: **Poemas ingleses**. PESSOA, Fernando. Lisboa: Ática, 1974.

WHITMAN, Walt. **Poems by Walt Whitman**. Londres: Masterpiece Library, 1895. Edição Facsimilar da biblioteca pessoal de Fernando Pessoa. Disponível em: <<<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-580>>>. Acesso em 17/08/2020

WHITMAN, Walt. **Leaves of Grass**. Londres: The People Library, 1909. Edição Facsimilar da biblioteca pessoal de Fernando Pessoa. Disponível em: <<<http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-580>>>. Acesso em 17/08/2020.

WHITMAN, Walt. **Folhas de relva**. Tradução Gentil Saraiva Júnior. Porto Alegre: edição independente do tradutor, 2017.

ZENITH, Richard. Post-mortem. In: PESSOA, Fernando. **A educação do estoico**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 85-110.

---

#### Para citar este artigo

---

QUADROS, A. C. de. A ARTE IMITA A NÃO-VIDA: FERNANDO PESSOA. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 4, 2021, p. 250-266.

---

#### A Autora

---

AURORA CARDOSO DE QUADROS é do Departamento de Comunicação e Letras / Área de Estudos Literários - Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP.